



O pecado mutante em *X-Men 97*: o discurso religioso pelas lentes da cultura pop

The mutant sin in *X-Men 97*: religious discourse through the lens of pop culture

Felipe Soares Forti¹

Resumo: O artigo a seguir tem por objetivo mostrar a franquia X-Men como contínua forma de representação do pensamento cultural acerca do discurso religioso do fundamentalismo. Para isso, o argumento começa mostrando as histórias em quadrinhos como representações figurativas da realidade que, por meio de sua translucência, levam o espectador ao mundo fictício enquanto este ecoa narrativas do mundo real. Após isso, são demonstrados exemplos de temas religiosos na franquia X-Men como um todo (filmes, quadrinhos e séries animadas). Por fim, é apresentada a forma como *X-Men: Deus ama, o homem mata* representa o discurso religioso e como essa visão continua na animação *X-Men 97*. O estudo utiliza o termo “fundamentalismo” em seu sentido sociológico, tal como empregado na Ciência da Religião, sem referência direta a tradições ou igrejas específicas. Para isso, será adotado um método hermenêutico para a interpretação dessas mídias em comparação com eventos no mundo real, como as manifestações fundamentalistas do século XX e os discursos públicos dos membros da *Westboro Baptist Church*, além de falas de líderes religiosos interpretadas como negacionismo científico.

Palavras-chave: Discurso religioso. Cultura Pop. Histórias em quadrinhos.

Abstract: The following article aims to show the “X-Men” franchise as a continuous form of representation of cultural thought regarding the religious discourse of fundamentalism. To this end, the argument begins by presenting comic books as figurative representations of reality that, through their translucence, draw the viewer into the fictional world while echoing narratives from the real one. Next, examples of religious themes throughout the “X-Men” franchise (films, comics, and animated series) are presented. Finally, the article examines how “X-Men: God Loves, Man Kills” represents religious discourse and how this perspective continues in the animated series “X-Men ’97”. The study employs the term “fundamentalism” in its sociological sense, as used in Religious Studies, without direct reference to specific traditions or churches. To achieve this, a hermeneutical method is adopted to interpret these media in comparison with real-world events, such as 20th-century fundamentalist movements and the public discourse of members of the Westboro Baptist Church, as well as statements by religious leaders interpreted as scientific denialism.

Keywords: Religious discourse. Pop Culture. Comic books.

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador bolsista do CNPq. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura (2025) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bacharel em Teologia (2022) pela UPM, licenciado em Filosofia (2018) pela UPM e bacharel em Design Gráfico (2012) pela FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas. Trabalha como Designer Gráfico na Universidade Presbiteriana Mackenzie. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4001-391X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6279641981039513>.



Introdução

Quando se fala em cultura pop e religião, muitos talvez não percebam o papel de crítica social que as mídias desse universo podem apresentar. A cultura pop, diz Tim Delaney (2007, p. 1) engloba gêneros como a música, revistas, cultura cibernética, esportes, entretenimento, lazer, televisão, entre outras. Além dele, o teólogo Erlan Borges (2024, p. 26) coloca de forma mais específica o cinema (com as franquias da Marvel, Missão Impossível etc.), ficções científicas (como Matrix e Star Wars), a música (com Elvis Presley e Michael Jackson), as sagas literárias (com Harry Potter e Senhor dos Anéis) etc. Note que a cultura pop possui uma grande gama de produções e mídias. Parte desse universo da cultura pop são as HQs, sigla que designa as Histórias em Quadrinhos. Iuri Andréas Reblin² diz:

Afirmar que a cultura pop é um arcabouço de linguagens que conversam entre si, que se interpenetram significa afirmar que a cultura pop (e seus artefatos) lida com signos, símbolos e, por meio deles, partilha um universo de sentido. Ao ser uma linguagem, a cultura pop e seus artefatos provêm maneiras pelas quais as pessoas interpretam o mundo e dão sentido às coisas (Reblin, 2020, p. 16).

Nos dias atuais, embora seja comumente visto como algo infantil, desenhos animados e Histórias em Quadrinhos (doravante HQs) exerceram uma função crítica quanto a episódios do mundo real. Um exemplo disso pode ser visto na HQ do Capitão América intitulada *Verdade: Vermelho, Branco e Negro*, de Robert Morales (1958-2013) e Kyle Baker (1965-), que denuncia o racismo do governo americano nos experimentos de Tuskegee³, um estudo que durou 40 anos e foi realizado em 399 homens americanos negros com sífilis. O estudo foi realizado sem seu consentimento (cf. White, 2014, p. 56; Weinstein, 2008, p. 963; Carpenter, 2005, p. 51). A HQ compara os experimentos de Tuskegee, que ocorreram no mundo real, ao genocídio nazista (cf. Dittmer, 2012, p. 69).

O exemplo de *Verdade* mostra que as HQs podem conversar com problemas sociais no mundo real. De fato, essa característica é algo comum da arte. Como diz Will Eisner⁴ (1917-2005) as HQs são arte sequencial, na qual aspectos da arte e da literatura

² Iuri Andréas Reblin é professor e pesquisador nas áreas de cultura pop e religião. Tem doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS.

³ O Experimento de Tuskegee (1932-1972) foi realizado pelo Serviço de Saúde Pública dos EUA no Alabama, tornando-se um dos casos mais notórios de violação ética em pesquisa médica.

⁴ Will Eisner foi pioneiro norte-americano dos quadrinhos e teórico da arte sequencial.



se misturam (cf. Eisner, 2001, p. 8). Segundo Carlos Caldas, o conceito de arte sequencial se aplica a “qualquer forma de narrativa com imagens em sequência, o que inclui, no limite, cinema e televisão (filmes e desenhos animados, os cartoons), e, além, é claro, das histórias em quadrinhos” (Caldas Filho, 2017, p. 71-72).

Nildo Viana⁵ argumenta que a arte é a “expressão figurativa da realidade”, elemento presente nas HQs (cf. Viana, 2014), bem como em filmes, séries e animações. Considere o exemplo citado no parágrafo anterior. Viana aponta que o Capitão América

[...] foi criado por existir os Estados Unidos, a bandeira deste país, a Segunda Guerra Mundial, a necessidade de heróis [...] bem como valores, sentimentos, concepções e representações dos envolvidos em sua criação (Joe Simon e Jack Kirby) (Viana, 2014, p. 21).

Em outras palavras, Viana explica, a arte expressa figurativamente a realidade, e essa realidade “é a sociedade em seu conjunto, aspectos dela, ou a realidade dos sentimentos, desejos, valores, do indivíduo, mesmo sua intimidade e inconsciente” (Viana, 2014, p. 18). Ora, isso implica que a representação vai além de um realismo fidedigno daquilo que é apreendido pelos cinco sentidos. Vai além: engloba a sociedade, a cultura, os discursos, os sentimentos, as reações etc.

Ao falar sobre as obras de arte, o filósofo Leon Rosenstein⁶ (1943-) difere entre a ontologia, ou seja, a corporeidade de um objeto artístico, e sua instrumentalidade. O conteúdo (ou, o “mundo interno” de uma obra) é carregado pelo objeto artístico ao espectador quando este possui translucência. Em outras palavras, o meio sensorial “é um veículo através do qual algum assunto ou conteúdo [...] é transmitido à imaginação ou à compreensão” (Rosenstein, 1976, p. 326). Essa translucência ocorre apenas quando o meio sensorial (o objeto físico ocupando espaço) tem sucesso em transmitir seu conteúdo interno – e, sua instrumentalidade. Caso falhe nessa tarefa, o meio sensorial é descrito como *opaco* ou *transparente*: opaco, quando não consegue sair do mundo real; transparente, quando a mensagem se sobressai acima do conteúdo da obra como um todo (Rosenstein, 1976, p. 326). Ao explicar o conceito de Rosenstein, Luke Cuddy diz que as propagandas de guerra estadunidenses são “transparentes”, pois, embora possam parecer poéticas, possuem muita mensagem e sobressai o meio sensorial. Por outro lado, a obra

⁵ Nildo Viana é professor da Universidade Federal de Goiás e doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (2003).

⁶ Leon Rosenstein é um filósofo norte-americano, professor emérito da San Diego State University, conhecido por seus trabalhos em estética.



Fountain, de Marcel Duchamp, é opaca, pois é apenas um urinol desconexo em um museu (Cuddy, 2008, p. 158). Na experiência do translúcido, Rosenstein diz: “Nossa atenção é cativada e direcionada para o objeto de arte. Nós atravessamos a experiência do objeto de arte por meio da translucidez de seus veículos sensoriais. Assim, adentramos e sintonizamos as formas de seu mundo” (Rosenstein, 1976, p. 327). Essa experiência é presente nas HQs que, por meio de sua arte e literatura criam um mundo que cativa o espectador e o transporta para a fantasia, fazendo-o atravessar a “experiência do objeto” físico.

Quando se fala a respeito de mídias da cultura pop, elas muitas vezes transmitem como meios sensoriais o conteúdo de seu mundo fictício interno. Esse conteúdo não é apenas a camada recheada de explosões, efeitos especiais e superpoderes. Antes, é algo enraizado nos personagens e transmitido através de seus discursos e conflitos internos, um conteúdo levado ao espectador como uma mensagem pela estética e narrativa. Ao falar das preocupações sociais das HQs, por exemplo, Geysa Silva observa:

[...] as HQs têm encenado as preocupações sociais. Confira-se sua evolução: nos anos 30, refletem esperança; em 50, por influência do macarthismo, medo, desconfiança e intolerância; em 60, o desejo de mudanças econômicas e sociais; em 70, com a ascensão do feminismo, as heroínas se tornam portadoras de sensualidade, como é o caso da Mulher Gato, da Mulher Maravilha, de Valentina etc. A partir de 80, as HQs apontam para um futuro sombrio, com um mundo pleno de desequilíbrios econômicos, gerando assassinos violentos; à mercê de políticos inescrupulosos, o Estado se torna omissor e perde o controle sobre os cidadãos, ocorrendo a falência de suas funções, cujo exemplo pôde ser observado quando Gotham City foi abandonada à própria sorte, como viria a acontecer com New Orleans, por ocasião do furacão Catrina, já em pleno século XXI (Silva, 2007, p. 5).

Considere o já citado Capitão América. Observe que o Capitão América representa figurativamente a realidade e, como meio sensorial, transmite um conteúdo que conversa entre realidade e ficção, transmitindo “valores, sentimentos, concepções e representações” aos espectadores. Em outras palavras, os super-heróis da cultura pop transmitem esse conteúdo através de seu meio sensorial, que os mostra em situações associadas ao mundo real devido a sua representação da realidade.

Ora, se as HQs como forma de arte sequencial expressam figurativamente a realidade sob a ótica de seu autor ou sobre o entendimento coletivo de um grupo a respeito de algo, então elas também podem falar algo nesse sentido a respeito da religião, tanto de



modo crítico quanto ressaltar seus aspectos positivos. Ou seja, religião também deve aparecer representada no conteúdo das mídias da cultura pop. Como Silva aponta:

No afã de criar histórias diferentes das que até agora têm sido feitas, os autores recorrem a outros textos já consagrados, em especial à mitologia e à *Bíblia*⁷, com ênfase particular no *Velho Testamento*⁸, quando um deus irado e vingativo infligiu ao homem a culpa eterna. Também o *Apocalipse*⁹ é lembrado em versões dantescas do fim do mundo, porém agora ligado ao avanço da ciência e da informática, ao desemprego e ao abandono das áreas rurais que produzem as megalópoles, com todos os seus problemas.

[...]

As HQs se apropriam desse quadro e desvelam uma religião sem igrejas, uma crença implícita que se encontra nos espaços mais diferentes da atividade humana. As HQs também evidenciam o caráter cultural do fenômeno religioso, quando trazem para suas páginas os sinais de resistência às contínuas imposições ideológicas (Silva, 2007, p. 6, 8).

Com isso em mente, é possível partir para o tópico seguinte e buscar entender como a religião aparece na franquia X-Men, importante manifestação da luta a favor de minorias na cultura pop. Segundo Wellington Alves *et al*, o próprio Stan Lee (1922-2018), criador dos X-Men, teve como intenção “demonstrar a intolerância que a raça humana tem com aquilo que é diferente” (Alves *et al*, 2023, p. 133). De acordo com Victor Wanderley Correa:

Em suas aventuras, os personagens lutam contra o racismo estruturado, carregados de lições sobre uma sociedade unida, em um paralelo direto com discussões políticas e sociais que fazem parte da história humana. Assim, as histórias dos X-Men, criadas por diversos profissionais da indústria dos quadrinhos ao longo das décadas, têm sido frequentemente interpretadas como uma alegoria para as lutas contra a discriminação racial e outras formas de preconceito (Correa, 2024, p. 18).

Segundo Caldas (2016), os mutantes podem representar minorias perseguidas de diversas maneiras, não apenas minorias étnicas ou de gênero, mas também os próprios cristãos perseguidos no Império Romano ou, como na atualidade, em países de maioria muçulmana. Ou seja, “X-Men é uma grande parábola sobre a importância da alteridade,

⁷ Grifo de ênfase do autor.

⁸ Grifo de ênfase do autor.

⁹ Grifo de ênfase do autor.



um apelo à convivência pacífica e respeitosa com o diferente, e um libelo contra uma atitude beligerante diante do “outro” (Caldas Filho, 2016). Ele diz aponta que os X-Men

[...] foram criados há pouco mais de 50 anos, no início da década de 1960. Naquele período conturbado, auge da Guerra Fria, tensões raciais explodindo nos Estados Unidos, medo de ataques nucleares da parte da União Soviética, surge um grupo de super seres, com poderes por conta de mutações genéticas. Estes super seres são metáforas daquele tempo tenso: o Professor Xavier é uma figura do Rev. Martin Luther King Junior, com sua proposta de convivência pacífica entre diferentes (negros e brancos), enquanto Magneto é uma figura de Malcom X, com sua proposta de luta armada contra os opressores brancos (Caldas Filho, 2016).

Portanto, o artigo adota uma abordagem qualitativa hermenêutica e estética que interpreta as representações figurativas religiosas presentes em produções da cultura pop. O artigo segue o método cartográfico-crítico de Reblin (2020, p. 21-23), que consiste em seguir as etapas: (1) leitura da obra (familiarização com os artefatos centrais – a *graphic novel X-Men: Deus ama, o homem mata* e a série animada *X-Men 97*); (2) estrutura narrativa (investigação a coesão interna, estruturante e externa das histórias); (3) contexto criativo (consideração da autoria, a produção e o momento sócio-histórico de cada obra); (4) historicidade (compreensão de seu lugar no cânon da franquia e sua recepção pelo público); e (5) análise crítica (a partir do mapeamento anterior, se debruça sobre a produção de sentidos religiosos e aquilo que representam). Além disso, o conceito de translucência de Rosenstein é aplicado ao corpus analítico que inclui HQs, filmes e séries da franquia X-Men. Após isso, será apresentada a interpretação que a HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* faz dos discursos religiosos da época em que foi produzida. Em seguida, a série animada *X-Men 97* (2024) será apresentada como uma continuação do conteúdo de *Deus ama, o homem mata* para os dias atuais, de modo a mostrar como a cultura pop continua sendo meio interpretativo crítico dos discursos religiosos. Para tal objetivo, será necessário abordar o fundamentalismo religioso. Contudo, o termo “fundamentalismo” não denota alguma tradição ou igreja, mas sim será usado em seu sentido sociológico, tal como empregado na Ciência da Religião. Ou seja, é um termo que será empregado, não para fazer juízo de valor teológico, mas sim para fins descritivos e analíticos. Segundo Linda Woodhead:

De modo geral, as características definidoras do fundamentalismo incluem o desejo de retornar aos fundamentos de uma tradição religiosa e eliminar acréscimos desnecessários; uma rejeição agressiva da



modernidade secular ocidental; uma identidade minoritária de oposição mantida de maneira exclusivista e militante; tentativas de reivindicar a esfera pública como um espaço de pureza religiosa e moral; e uma ordenação patriarcal e hierárquica das relações entre os sexos. É geralmente reconhecido que o fundamentalismo é um movimento distintamente moderno do século XX, apesar de seus antecedentes históricos (Woodhead, 2000, p. 32).

Convém destacar que essa análise não tem a intenção de aderir ideologicamente à crítica feita pela HQ ou pela série *X-Men 97*. Portanto, o objetivo não é validar os posicionamentos narrativos de ambos, mas sim compreender como essas produções da cultura pop elaboram, reproduzem e problematizam discursos religiosos daqueles que são denominados fundamentalistas. Ainda que o autor provenha de um contexto cristão e conserve determinadas convicções pessoais, o presente estudo não parte de uma postura confessional, mas de uma abordagem crítica e analítica das representações religiosas nas mídias da cultura pop. Portanto, as figuras mencionadas são tomadas aqui apenas como estudo de caso para exemplificar a relação entre religião e cultura por meio das produções da cultura pop, sem implicar concordância ou discordância com suas perspectivas teológicas.

1. A aparição da religião na franquia X-Men

Quando se fala em cultura pop e religião, a franquia X-Men tem muitas contribuições que podem gerar reflexões importantes sobre a maneira como a sociedade compreende certas crenças e discursos religiosos. Por exemplo, a primeira edição da série de HQs intitulada *Immortal X-Men* conta com um personagem cujo nome deriva do evento bíblico do Êxodo – um mutante chamado Exodus. Além de seu nome ser uma referência bíblica, o mutante faz referência a Jesus Cristo quando fala a respeito de um “mutante nazareno” que fundou uma igreja há 2.000 anos (Gillen; Werneck, 2022, p. 19).

Entretanto, as referências à Bíblia não ficam apenas nas HQs. Na adaptação cinematográfica intitulada *X-Men: Apocalypse*, o vilão é um mutante chamado En Sabah Nur, conhecido como Apocalypse (interpretado por Oscar Isaac). No filme, ele se descreve como alguém que já possuiu muitos nomes: “Elohim, Shen, Ra – fui chamado por muitos nomes ao longo de várias vidas” (*X-Men: Apocalipse*, 2016, 1h00min38seg). Além da referência ao nome *Elohim* – nome comum dado ao Deus da Bíblia – Apocalypse é acompanhado de quatro cavaleiros. A personagem Moira MacTaggart diz: “Onde esse

ser estava, ele sempre tinha quatro seguidores principais. Discípulos. Protetores quem ele imbuía de poderes” (X-Men: Apocalypse, 2016, 42min). Seus nomes são Guerra, Fome, Morte e Peste, fazendo referência aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse da Bíblia. Na sequência, MacTaggart dá a entender que o Apocalypse não pegou essa história da Bíblia, mas sim o contrário – o Apocalipse bíblico se baseou no mutante Apocalypse (X-Men: Apocalypse, 2016, 42min13seg).

Além dessas duas referências, há também um discurso sobre o perdão de uma perspectiva religiosa nas falas do personagem Noturno na série animada dos X-Men dos anos 1990. No episódio 8 da quarta temporada, Noturno, que tem a aparência de um monstro azul, diz: “Embora todos sejam imperfeitos e lutem contra a tentação do pecado, ninguém gosta de ser lembrado das fraquezas humanas. Minha aparência não ajuda muito” (X-Men, 1995, 11min50seg). Wolverine, então, questiona se isso não lhe causa revolta, o que Noturno responde: “Já causou. Mas eu encontrei a paz, devotando minha vida a Deus. Ele me encaminhou para este lugar, onde tenho valor pelo meu coração, não pela minha aparência” (X-Men, 1995, 12min). Wolverine diz que Deus esqueceu os mutantes, e Noturno responde: “Deus não esquece os seus filhos – humanos ou mutantes” (X-Men, 1995, 12min15seg).

Figura 1 – O personagem Noturno (de pele azul) fazendo seu discurso para os X-Men em um mosteiro.



Fonte: X-Men, 1995, 12min21seg.

Aqui aparece uma escolha estética importante para o desenvolvimento do Noturno. Como Carlos Caldas observa, Noturno “é apresentado nas histórias do X-Men como um católico romano piedoso e praticante, a despeito de sua assustadora semelhança demoníaca” (Caldas Filho, 2017, p. 84).

Apesar da repulsa de Wolverine e da aparência de Noturno, a conversa que tiveram teve impacto no personagem. Ao final do episódio, Wolverine aparece em uma igreja, ajoelhado, e, lendo uma Bíblia, diz: “Eu quero agradecer, ó Deus. Minha revolta me cegou e, por isso, eu não podia ver. Mas você me perdoou. Eu tenho fé e jamais terei medo” (X-Men, 1995, 20min20seg).

Figura 2 – Wolverine, um dos X-Men, ajoelhado em uma Igreja.



Fonte: X-Men, 1995, 20min40seg.

A religião de Noturno não é encerrada aqui. Tanto o aspecto da intolerância contra minorias quanto o perdão aparecem juntos no episódio 14 com a história de Mística, a mãe de Noturno. Mística conta que não queria seu filho, pois ele “era inconveniente”, já que ela se importava com o dinheiro do marido rico. Ao dar à luz a um filho mutante de cor azul, ela se viu obrigada a jogá-lo de uma cachoeira. Imaginando que seu filho a odiasse, Mística questiona Noturno, seu filho que sobreviveu à cachoeira. Ele responde: “Eu vou pedir a Deus que lance sua luz sobre mim para que eu possa perdoar você. Depois vou pedir que lance sua luz sobre você, para que possa perdoar a si mesma” (X-Men, 1996, 16min). Note como os X-Men e suas manifestações através de mídias da cultura pop conversa com a religião do mundo real através de representações de dogmas, críticas e mensagens.

Apesar de ser possível ver elementos teológicos e religiosos nas mídias citadas dos X-Men, também é possível averiguar como a narrativa de episódios específicos podem conversar de forma direta com a cultura de uma maneira crítica em sua



representação e interpretação dos discursos religiosos. Para isso, é possível averiguar a história da HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* e mostrar como os discursos religiosos da segunda metade do século XX foram interpretados por essa produção da cultura pop.

2. *X-Men: Deus ama, o homem mata* e sua interpretação do fundamentalismo

A HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* é reconhecida por sua interpretação crítica do fundamentalismo religioso¹⁰ de sua época (cf. Caldas Filho, 2017; Alves et al, 2023; Forti, 2025). Segundo Alves *et al*:

[...] o século XIX apresenta uma série de transformações na realidade estadunidense: os Estados Unidos estavam deixando de ser um país agrícola, para se tornar uma nação industrializada, o que implicava numa mudança na religião que se tornava mais “liberal” e “progressista”, quase “secular”. O modelo anterior já não dava conta de responder ao mundo que se apresentava ali.

Nesse contexto, o ultraconservadorismo deu à luz ao “fundamentalismo”, que pregava leituras literais do texto sagrado dos cristãos, tentando manter-se fiel a uma interpretação apologética limitante... (Alves et al, 2023, p. 137-138)

Contudo, como diz Magali do Nascimento Cunha¹¹, o termo *fundamentalismo* “é carregado de ressignificações de acordo com contextos históricos distintos” (Cunha, 2022, p. 303). Cunha explica que o movimento fundamentalista da década de 70 já lutava pelo ensino do criacionismo nas escolas públicas (Cunha, 2022, p. 303). Nessa progressão, diz Clyde Wilcox¹²:

O anticomunismo foi uma causa natural para os fundamentalistas por diversas razões. Primeiro, os ensinamentos pré-milenistas¹³ relativos à segunda vinda de Cristo foram frequentemente interpretados como prevendo uma batalha final entre as forças de Deus e o Anticristo, na qual estas últimas forças viriam da área geográfica agora ocupada pela União Soviética. Em segundo lugar, o ateísmo professado pelos líderes comunistas fazia parecer provável que o comunismo fosse a doutrina

¹⁰ O fundamentalismo começou como uma reação apologética à teologia liberal, mas passou por mudanças ao longo dos anos. Segundo Norman Geisler, o fundamentalismo reagiu a certas críticas e posicionamentos dos liberais com relação à inerrância da Bíblia e sua inspiração divina (Geisler, 2010, p. 397).

¹¹ Magali do Nascimento Cunha é pesquisadora do Instituto de Estudos sobre Religião (ISER), Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004) e Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1997).

¹² Clyde Wilcox é Professor de Ciência Política na Universidade de Georgetown, no campus do Catar.

¹³ O pré-milenismo é uma doutrina escatológica cristã que defende o retorno físico de Cristo antes do milênio de paz citado no livro de Apocalipse (seguindo uma leitura literal). Essa visão contrasta com o pós-milenismo e o amilenismo.



do Anticristo no mundo. Finalmente, a tendência dos líderes fundamentalistas de verem a história mundial como uma arena de batalha entre o bem e o mal conduziu à interpretação do mundo contemporâneo como um campo de batalha entre uma nação de Deus e outra que se opõe a Deus, de onde as forças do Anticristo deveriam sair (Wilcox, 1988, p. 663).

Antes de continuar, vale destacar que os exemplos a seguir são tomados de figuras públicas discutidas em estudos sobre religião e cultura pop, e não se referem a qualquer comunidade local específica. Na HQ, os X-Men enfrentam a intolerância de um pastor (cuja intenção dos autores é a de representar um fundamentalista religioso) que persegue e assassina mutantes através de seu grupo chamado de “Os Purificadores”. O vilão, Reverendo William Stryker, além de perseguir os mutantes espalha discursos de ódio usando a Bíblia como base para seu preconceito e intolerância (cf. Claremont; Anderson, 2003). De acordo com Chris Claremont, roteirista da HQ, Stryker foi baseado, dentre outras referências do fundamentalismo da época, em dois pastores famosos que popularmente foram entendidos como fundamentalistas nos Estados Unidos: Jerry Falwell (1933-2007) e Pat Robertson (1930-2023) (Claremont, 2015).

Em *Deus ama, o homem mata*, as falas de Stryker representam figurativamente o discurso desses e outros pastores de sua época. Falwell fundou a *Moral Majority*¹⁴ (“Maioria Moral”), enquanto Robertson apresentava o programa *700 Club*. Ambos propagavam um discurso anticomunismo, contra a causa homossexual e a filosofia humanista (Wilcox, 1988, p. 669-672). Os fundamentalistas, diz Clyde Wilcox, “sempre acreditaram que era importante permanecer separado de um mundo pecaminoso” (Wilcox, 1988, p. 662). Nesse período, as escolas cristãs fundamentalistas buscaram mostrar seu ensino como um contraponto ao que já vinha crescendo nas escolas americanas com mudanças no currículo de história, política, papéis de gênero e o crescente ensino da evolução (Wilcox, 1988, p. 668).

Stryker é um vilão que representa a forma como esses autores da cultura pop interpretaram as figuras populares da religião, seus discursos dirigidos às minorias e ao ensino da evolução. Para entender como isso é representado, considere as seguintes falas do pastor:

¹⁴ *X-Men: Deus ama, o homem mata* foi originalmente publicada em 1982, no auge da influência política da *Moral Majority* e durante o mandato do presidente Ronald Reagan, contexto que influenciou profundamente sua crítica social. Fundada em 1979, foi uma organização política que teve influência significativa nas eleições de 1980 e 1984.

Figura 1 - Stryker explicitando sua intolerância.



Fonte: Claremont; Anderson, 2003, p. 33

Figura 2 - Ciclope mostra como o discurso de Stryker pode levar ao preconceito racial e à intolerância religiosa, mas Stryker diz ser apenas um "instrumento do Senhor" e questiona a humanidade de Noturno.



Fonte: Claremont; Anderson, 2003, p. 59.



Figura 3 - O discurso de Stryker considera o literalismo bíblico junto de intolerância religiosa.



Fonte: Claremont; Anderson, 2003, p. 51.

O discurso de Stryker mostra como os autores de *X-Men: Deus ama, o homem mata* interpretaram as falas de líderes religiosos de sua época como intolerantes e, para usar um termo atual, negacionista. Como os mutantes são um novo estágio na evolução



humana (o *homo superior*¹⁵), Stryker usa sua negação da evolução como fundamento para praticar seu preconceito e a violência contra eles.

Como pode ser visto, *Deus ama, o homem mata* representa figurativamente a realidade e leva o espectador a ver através de sua translucência o mundo fictício dos X-Men e de sua interpretação crítica do fundamentalismo. Uma pergunta que fica, no entanto, é: a interpretação dos discursos religiosos apresentada em *X-Men: Deus ama, o homem mata*, continua nos dias atuais em outras produções da cultura pop?

3. Fundamentalismo hoje, ecos fundamentais do passado

Massimo Pigliucci observa que “o criacionismo certamente não é o único campo de batalha existente entre o fundamentalismo e a ciência e, em alguns casos, não é nem ao menos o mais importante (Pigliucci, 2005, 1106). Pugliucci aponta que, na política dos Estados Unidos da época em que escrevia, o governo George W. Bush ignorou as descobertas científicas relacionadas ao uso de drogas e às mudanças climáticas (Pigliucci, 2005, 1106). Em outras palavras, a cultura em geral enxerga certos discursos apologéticos religiosos como negação de teorias científicas na atualidade. Essa interpretação também continua presente na cultura pop do século XXI.

É importante destacar que as referências aos seguintes líderes religiosos contemporâneos têm apenas um caráter ilustrativo, ou seja, como exemplos de discursos religiosos presentes na cultura e que falam à mensagem apresentada nas produções da franquia X-Men. Não há, portanto, a intenção de julgamento moral, doutrinário ou institucional. Portanto, o objetivo é entender como sua retórica é interpretada e representada pela cultura pop, sem o objetivo de validar ou invalidar teologicamente seus posicionamentos.

O falecido pastor batista, John MacArthur é um exemplo disso. MacArthur adotou uma visão da realidade que pode ser chamada de conspiracionista durante a pandemia, de modo que negou publicamente que ela existisse, além de dizer que o *lockdown* era uma armadilha de Satanás:

Sabemos que há razões para este [*lockdown*] que não têm nada a ver com o vírus. Há outro vírus solto no mundo e é o vírus do engano. E

¹⁵ O termo “*homo superior*” foi criado no universo da ficção do século XX para falar do próximo estágio da evolução humana após o *homo sapiens sapiens*.



quem está por trás do vírus do engano é o próprio arquiteto-enganador Satanás. E não é uma surpresa para mim que no meio de todo esse engano a grande medida que está acontecendo é fechar igrejas que pregam o evangelho [...]. Não me surpreende que eles queiram impedir aqueles que pregam o evangelho, pois os arquitetos deste nível de engano não são parte do Reino dos Céus; eles são parte do reino das trevas (MacArthur, 2020, 2min44seg).

MacArthur também negou a eficácia da vacina e ele dizia que elas usavam células de fetos abortados (MacArthur, 2022, 1min00seg). Em 2023, um filme lançado por MacArthur exaltava os pastores que se posicionaram contra o *lockdown* e as vacinas na pandemia (cf. Rabey, 2023). Além disso, ele também negava a evolução e as eras geológicas da Terra (cf. MacArthur, 2004). Por fim, MacArthur também negou a existência de transtornos mentais bem estabelecidos na área da psicologia e psiquiatria, tais como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) (cf. MacArthur, 2024).

MacArthur é apenas um dos exemplos de pastores frequentemente interpretados como fundamentalistas. Mas o discurso não aparece apenas na forma de negação da ciência¹⁶. Em 2024, o pastor Douglas Wilson foi anunciado como um dos palestrantes da Conferência Consciência Cristã no Brasil. Seus posicionamentos com relação aos papéis tradicionais de gênero fizeram com que as pessoas se manifestassem contra sua presença, mas o cancelamento de sua participação se deve a outro fator. O jornalista Ronilson Pacheco, no jornal *The Intercept Brasil*, denunciou a posição de Wilson a favor da escravidão, o que gerou mais revolta (cf. Carmo, 2024). O cancelamento de Wilson fez com que ele gravasse uma resposta, chamando Pacheco de “ativista de esquerda” e dizendo que seu cancelamento se deve à uma perseguição por ser servo de Jesus (cf. Consciência, 2024).

Apesar dessas manifestações públicas dos pastores citados e a interpretação da cultura geral poder ser debatida, a intolerância é algo presente em alguns grupos entendidos como fundamentalistas. Mais notoriamente, a *Westboro Baptist Church*¹⁷

¹⁶ Outros exemplos contemporâneos podem ser vistos nos discursos de Kent Hovind, o “Dr. Dino”, e Ken Ham, líder do ministério *Answers in Genesis*, criador do *Creation Museum* [“Museu da Criação”] em Kentucky nos Estados Unidos.

¹⁷ A *Westboro Baptist Church*, sediada em Topeka, Kansas, tornou-se notória por suas manifestações extremistas contra a comunidade LGBT+. Seu discurso é amplamente considerado como discurso de ódio.

publicamente destila ódio contra pessoas LGBT+ e até mesmo contra pessoas que se divorciam, com frases como “Deus te odeia”, “Deus odeia o orgulho [LGBT]” etc.:

Figura 4 - Manifestantes da *Westboro Baptist Church* com placas escritas "Jesus traz a divisão, não a paz" e "Deus te odeia".



Fonte: Westboro Baptist Church, [s.d.] WESTBORO BAPTIST CHURCH. [s.d.]. Disponível em: <https://www.godhatesfags.com/index.html>. Acesso em: 17 out. 2025.

Figura 7 - As placas dizem: "Pecado e vergonha, não orgulho" e "Deus odeia o orgulho".



Fonte: WESTBORO BAPTIST CHURCH. [s.d.]. Disponível em: <https://www.godhatesfags.com/index.html>. Acesso em: 17 out. 2025.

Nessas imagens, podem ser vistas placas de manifestações contra pessoas, não contra ideologias ou ideias. Por mais que algumas mencionem conceitos como o “orgulho”, o “pecado”, a “divisão” e a “paz”, sua direção é contra pessoas de identidade LGBT+, e isso fica exemplificado na placa “Deus te odeia”. Isso conversa diretamente



com o discurso do grupo *Moral Majority*, de Falwell citado acima, que lutava contra ideologias identitárias e foi interpretado por *Deus ama o homem mata* como um discurso de ódio contra pessoas.

Como pode ser visto, os discursos religiosos são interpretados como negacionistas, anticomunistas e intolerantes. Além da interpretação de *X-Men: Deus ama, o homem mata* ser poder ser considerada como um entendimento comum da cultura contemporânea, novas formas de crítica surgiram com a animação *X-Men 97*, sequência da série animada dos anos 1990 lançada em 2024.

4. *X-Men 97* e a continuidade da mensagem de *Deus ama, o homem mata*

Nos dias atuais, a franquia X-Men continua a representar figurativamente a realidade através de suas novas manifestações na cultura pop. Em especial, a animação *X-Men 97*, criada por Beau de Mayo, mostra como as minorias identitárias e os grupos manifestantes da Esquerda interpretam os discursos religiosos e representa essa interpretação através de sua narrativa. *X-Men 97* é a sequência direta da animação dos anos 1990 citada acima. Segundo Correa:

Abordando temas fundamentais como empoderamento, discurso de ódio e identidade, os X-Men não apenas proporcionavam entretenimento, mas também incitavam reflexões profundas sobre questões sociais cruciais. Através de alegorias e metáforas facilmente compreensíveis, utilizando seus personagens como veículos para representar os desafios da vida real, a série transmitia mensagens de empoderamento para seu público.

A série animada mergulha de maneira central na temática da discriminação e do preconceito enfrentados pelos mutantes ao tentarem coexistir em harmonia com a sociedade humana. Esses indivíduos são sistematicamente marginalizados e temidos por conta de suas diferenças, o que ecoa experiências reais vivenciadas por grupos minoritários. Utilizando essa analogia de forma hábil, a série promove uma exploração profunda, instigando reflexões sobre a persistência dessas adversidades e suas consequências subjetivas na luta contra o preconceito. Ao mesmo tempo, a narrativa não se esquivava de investigar e debater os complexos relacionamentos entre os líderes dos X-Men, assim como as diversas camadas e percepções ideológicas que permeiam esse conflito.

Neste sentido, *X-Men 97* representa não apenas uma continuação da série animada dos anos 90, mas também uma oportunidade de reafirmar os temas humanitários que a tornaram tão impactante e duradoura. Ao fazê-lo, a série continua o legado dos X-Men como defensores dos oprimidos e como arautos de uma mensagem de inclusão e aceitação



em um mundo muitas vezes dividido e desigual (Correa, 2024, p. 19-20).

Apesar de ser uma sequência da série animada e não da *Deus ama, o homem mata*, *X-Men 97* traz uma continuidade da interpretação da HQ para os dias atuais. No episódio 2, intitulado *O início da libertação mutante*, o discurso do personagem Magneto mostra as motivações por causas sociais implícitas na série. Durante um protesto onde uma das mutantes (Tempestade) é atacada por uma arma que a deixa enfraquecida, Magneto, apontando para sua semelhante no chão, diz aos líderes políticos presentes:

Esse é o seu sonho: minha raça prostrada perante vocês [...]. Tudo o que os X-Men fizeram, foi usar seus poderes incríveis para proteger um mundo que os teme e os odeia. Vejam a recompensa deles. O que temos que fazer para sermos bons o suficiente? [...] Isso não exige que vocês amem ou que aceitem a minha raça como se fosse a sua. Mas simplesmente que aceitem que dividimos este mundo e um futuro em comum. E que a minha raça, como a sua, tem o direito de viver nele (X-Men 97, 2024b, 11min15seg).

O discurso de intolerância contra os mutantes continua a aparecer na fala de um dos que protestaram contra eles no episódio. O personagem em questão é chamado de X-Cutioner, que diz: “Sabe o que eu odeio na sua raça? Vocês agem como se sofressem muito, mas pessoas normais sofrem também! Até mais! Só temos a dignidade de não ficar chorando o tempo todo. Entende? É a choradeira. Eu odeio a sua choradeira” (X-Men 97, 2024b, 17min20seg).

X-Men 97, no entanto, não fala apenas de minorias, mas também interpreta os discursos religiosos da atualidade como exemplos de intolerância. No caso, a intolerância religiosa também se apresenta no discurso de Magneto, quando diz:

Quando criança, os lares de meu povo foram reduzidos a cinzas porque ousamos chamar Deus por outro nome. Então, meu povo me caçou com aqueles que os haviam caçado. Eu era uma aberração – nasci mutante! Era abominável aos olhos de qualquer deus (X-Men 97, 2024b, 13min20seg).

Não apenas a intolerância religiosa, mas o negacionismo científico também aparece no mesmo episódio. É perceptível que os autores da animação buscam representar os movimentos políticos conservadores dos Estados Unidos e sua ligação com os discursos religiosos de antievolução do povo estadunidense. Isso aparece em uma cena em que os manifestantes seguram uma placa que diz *Evolution is a lie* (“a evolução é uma mentira”):

Figura 8 - Imagem do protesto no episódio 2 de X-Men '97.



Fonte: X-Men 97, 2024b, 12min42seg.

Uma associação direta com o discurso religioso-político pode ser vista no episódio 8 de *X-Men 97*, onde a mesma placa escrita “a evolução é uma mentira” aparece junto de outra que diz *Mutant is sin* [“mutante é pecado”]

Figura 9 - As placas "a evolução é uma mentira" e "mutante é pecado" aparecem lado a lado entre aqueles que protestam contra a existência dos mutantes.



Fonte: X-Men 97, 2024d, 9min18seg.

Uma das tensões da série ocorre no episódio 6, intitulado “Morte em vida – Parte 2”. Durante os eventos do episódio 2, citado acima, a personagem Tempestade é atingida por uma arma que a faz perder seus poderes. Ao longo do sexto episódio, é possível ver o conflito interno da personagem que, ao tentar recuperá-los, ouve sobre como ela deve negar seus poderes e deve se fingir “de morta, ou a humanidade vai tropeçar sobre [ela] e sua raça” (X-Men 97, 2024a, 22min52seg). A voz que fala isso é uma representação dos medos internos de Tempestade. Esse medo da personagem parece ecoar a intolerância do



mundo real que exige que minorias (aqui representadas pelos mutantes) não devem assumir quem são para conseguir viver – é uma “morte em vida”. Tempestade chama esses medos de “demônios” e os classifica como “reflexos dos nossos medos e vergonha”, os quais “enterramos dentro de nós, que escondemos de nossos amados, mesmo que envenenem nosso coração, até que finalmente curemos nosso adversário aceitando ele (sic.)” (X-Men 97, 2024a, 24min30seg).

Tensão similar aparece no episódio 7, intitulado “Olhos brilhantes”, em que o personagem Roberto, um jovem brasileiro, decide falar para sua mãe que ele é um mutante. A animação serve aqui de meio sensorial para representar figurativamente o drama vivido por jovens homossexuais quando assumem sua sexualidade aos pais. Roberto diz: “Mãe, eu sou mutante”, o que gera uma reação de sua mãe que o surpreende pela aceitação. Contudo, logo ela diz: “Difícil vai ser garantir que mantenhamos tudo isso privado”. O motivo: “os acionistas ficam agitados com qualquer coisa relacionada a mutantes [...]. Eles não podem saber que temos um mutante na família” (X-Men 97, 2024c, 18min28seg). Ou seja, por mais que ela aceitasse, a carreira dela não podia ter impactos negativos por causa do preconceito da nação contra mutantes.

Essas tensões parecem ecoar traumas pessoais envolvendo homofobia e racismo vividos pelo criador da série. Em sua conta pessoal no X, Beau DeMayo revela que quando se assumiu homossexual para sua família, ele “percebeu que não seriam todos que o aceitariam” (DeMayo, 2024). Ele também fala sobre como um salão recusou cortar seu cabelo por não fazer “cortes de cabelo étnicos” (DeMayo, 2024). Para DeMayo, a série antiga era assistida em uma época segura, mas, após os atentados de 11 de setembro o mundo passou a perder a segurança, com movimentos populistas crescendo e toda uma nação tendo que lidar com um trauma coletivo (DeMayo, 2024). Ele diz: “como muitos de nós que crescemos com a animação original, os X-Men foram atingidos pelas realidades de um mundo adulto e inseguro” (DeMayo, 2024). Ao representar os dramas e traumas de um jovem negro e homossexual, frente a movimentos políticos conservadores e religiosos, *X-Men 97* revela a vida assustadora de um jovem que perdeu a segurança de simplesmente existir.

A série associa o preconceito ao nazismo quando uma personagem chama um dos vilões, Bastion, de “Mengele”, famoso médico que atuava nos campos de concentração da Alemanha (X-Men 97, 2024d). Além disso, durante a cena, Magneto,

que é um sobrevivente do holocausto, está pendurado em um X, seminu, mostrando a tatuagem com os números em seu braço, comum em prisioneiros judeus dos campos de concentração nazistas (X-Men 97, 2024d):

Figura 10 – Magneto “crucificado”.



Fonte: X-Men 97, 2024d, 10min15seg.

Figura 11 – Os números no braço de Magneto



Fonte: X-Men 97, 2024d, 10min17seg.

Esses números conectam a temática da série com o mundo real: o preconceito e o extermínio de judeus é representado em um mutante da ficção, a qual usa os mutantes também como representação de minorias étnicas e identitárias.

Tanto o discurso dos personagens quanto suas ações remetem ao discurso político que surge dentre fenômenos religiosos que aparecem no século XXI. Por conseguinte, é possível ver que a mensagem de *X-Men: Deus ama, o homem mata*



encontrou novos ecos no século XXI a partir de uma interpretação da cultura dos discursos e práticas religiosas manifestados na cultura pop. Entretanto, fica evidente que *X-Men 97* não representa figurativamente o cristianismo como religião, mas mostra como indivíduos da cultura enxergam o fundamentalismo e seus discursos.

Considerações finais

Como pode ser visto, a arte sequencial presente nas produções da cultura pop conversa com a cultura do mundo real enquanto representa figurativamente a interpretação de seus autores dos fenômenos e discursos religiosos, servindo, portanto, como meio sensorial. A translucência apresentada em *X-Men: Deus ama, o homem mata* e em *X-Men 97* mostra como a cultura e a sociedade interpretam os discursos religiosos e transmitem essa interpretação através da ficção presente nas narrativas da cultura pop. Ambas mostram como a cultura continua a interpretar o fundamentalismo religioso como um fenômeno presente e não apenas como algo do passado.

Logo, o estudo evidencia a relevância da arte como espaço simbólico para a reflexão religiosa e ética. Desse modo, a cultura pop conversa e critica discursos religiosos – não diretamente sua religião ou teologia – para um diálogo mais aprofundado entre fé, cultura e ciência. Apesar de não aderir às críticas das produções citadas, é possível ver no artigo como a cultura pop espelha as tensões do mundo real. Ao falar de *X-Men: Deus ama, o homem mata* e sua mensagem teológica, Caldas diz: “O elemento que mais se destaca na narrativa é a denúncia do fanatismo religioso que veicula um discurso de ódio, travestido de piedade cristã” (Caldas Filho, 2017, p. 85). Essa é a resposta da cultura pop a certos discursos e fenômenos religiosos dos líderes religiosos que fizeram parte do movimento fundamentalista dos anos 1916 a 1980. O fundamentalismo presente nos discursos da atualidade, no século XXI, também foram interpretados e apresentados na animação *X-Men 97* e, portanto, representam uma nova resposta ideológica à ideologia religiosa apresentada nos discursos populares.

Por conseguinte, como forma de denúncia do preconceito e defesa da dignidade, a mensagem de *X-Men: Deus ama, o homem mata* é atualizada em *X-Men 97*. Ambos são representações figurativas da realidade de modo a se basear na interpretação de seus autores dos discursos religiosos (e, em certo sentido, políticos) dos séculos XX e XXI.



Referências Bibliográficas

ALVES, Wellington N. *et al.* O fundamentalismo cristão que apavora e manipula o universo de X-Men: Deus ama, o homem mata, *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 22, n. 1, p. 131-148, 2023.

BORGES, Erlan. *Onde está Deus na cultura pop?* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

CALDAS FILHO, Carlos R. Das HQ's como discurso teológico: análise de X-Men – Deus ama, o homem mata, de Chris Claremont na perspectiva da soteriologia de Paul Tillich. *TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 70–90, 2017.

CALDAS FILHO, Carlos R. X-Men: Apocalypse, *Ultimato Online*, 27 de jun. 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/x-men-apocalypse#caldas>. Acesso 21 out. 2025.

CARMO, Wendal. Pastor dos EUA que justifica escravidão com a Bíblia virá ao Brasil para congresso evangélico, *Carta Capital*, 16 de jan. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pastor-dos-eua-que-justifica-escravidao-com-a-biblia-vira-ao-brasil-para-congresso-evangelico/>. Acesso 05 de Nov. 2024.

CARPENTER, Stanford. “Truth Be Told: Authorship and the Creation of the Black Captain America”. In: MCLAUGHLIN, Jeff (Ed.). *Comics as Philosophy*, Mississippi: The University Press of Mississippi, 2005.

CLAREMONT, Chris. Interview with Chris Claremont- Part 1. Entrevista concedida a Niko Bekris. *Christ, Coffee and Comics*, 24 de jun. 2015. Disponível em <https://christcoffeecomics.com/2015/06/24/interview-with-chris-claremont-part-1/> - Acesso 11 de Nov. 2024.

CLAREMONT, Chris; ANDERSON, Brent. *X-Men: Deus ama, o homem mata*. Marvel Comics. Barueri: Panini Comics, 2003.

CONSCIÊNCIA Cristã. *Direito de Resposta do Pr. Douglas Wilson em Carta Aberta ao público brasileiro*. São Paulo, 18 de Jan. 2024, Instagram: @consciencia.crista. Disponível em: <https://www.instagram.com/consciencia.crista/reel/C2Pb0-Uu-rV/>. Acesso 05 de Nov. 2024.

CORREA, Victor Wanderley. X-Men 97: O Sucesso da Nostalgia na Indústria do Entretenimento e a Perenidade de Temas Humanitários. *Harpia*, v. 11, n. 1, 2024.

CUDDY, Luke. “Zelda as art”. In: CUDDY, Luke (Ed.). *The Legend of Zelda and Philosophy: I Link therefore I am*. Chicago: Open Court Publishing Company, 2008.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Fundamentalismos”. In: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz (Orgs.). *Dicionário dos negacionismos no Brasil*, Recife, PE: CEPE Editora, 2022.



DELANEY, Tim. Pop Culture: An Overview. *Philosophy Now*, n. 64, 2007.

DeMAYO, Beau. #XMen97 Spoilers ahead. 10 abr. 2024. X: @BeauDemayo. Disponível em: <https://x.com/BeauDemayo/status/1778190058144866726>. Acesso 23 out. 2025.

DITTMER, Jason. *Captain America and the nationalist superhero: metaphors, narratives, and geopolitics*, Filadélfia, Pensilvânia: Temple University Press, 2013.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FORTI, Felipe Soares. A Mutação da Tolerância: O lado obscuro do fundamentalismo religioso em “X-Men: Deus ama, o homem mata”. *Revista Relicário*, v. 12, n. 23, p. e316-e316, 2025.

GEISLER, Norman. *Teologia sistemática*, Vol. 1, Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GILLEN, Kieron; WERNECK, Lucas. *Immortal X-Men: part one: the left hand*, n. 1, Nova Iorque: Marvel Comics, 2022.

MACARTHUR, John. *Criação ou evolução: a luta pela verdade sobre o princípio do universo*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MACARTHUR, John. John MacArthur on Mental Health. *Daniel Eaton*, 1 de mai. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AhgEy51sTgw>. Acesso 02 de Mai. 2024

MACARTHUR, John. John MacArthur says "There is no pandemic" from Grace Church pulpit, *DISM*, 31 de Ago. 2020. 3min44seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gwDnIjYCxdc>. Acesso 05 de Nov. 2024.

MACARTHUR, John. John MacArthur: Should Christians Take the Jab? *5 MINUTE Christianity*, 27 de Mai. 2022, 03:27. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9dnW_xRW-t4. Acesso 04 de Nov. 2024.

PIGLIUCCI, Massimo. Science and fundamentalism: A strategy on how to deal with anti-science fundamentalism. *EMBO Reports*, Filadelfia, PA, v. 6, n. 12, p. 1106-1109, 2005. DOI: 10.1038/sj.embor.7400589.

RABEY, Steve. John MacArthur's film glorifies pastors who defied COVID mandates, *Baptist News Global*, 3 de Ago. 2023. Disponível em: <https://baptistnews.com/article/john-macarthur-film-glorifies-pastors-who-defied-covid-mandates/>. Acesso 05 de Nov. 2024.

REBLIN, Iuri Andréas. Método cartográfico-crítico para análise de artefatos da cultura pop a partir da área de ciências da religião e teologia. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, v. 20, n. 3, p. 11-26, 2020.

ROSENSTEIN, Leon. The Ontological Integrity of the Art Object from the Ludic Viewpoint. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 34, n. 3, 1976.



SILVA, Geysa. Entre a religiosidade e a violência: uma leitura das HQs finisseculares. *Recorte – a revista de linguagem, cultura e discurso*, Minas Gerais, v. 1, n. 4, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4998519>. Acesso em 14 de jun. 2024.

VIANA, Nildo. As histórias em quadrinhos como forma de arte. Estácio de Sá Ciências Humanas. *Revista da Faculdade Estácio de Sá*. Goiânia SESES-Go. Vol. 02, nº 10, 16-24, fev./jul. 2014.

WEINSTEIN, Matthew. Captain America, Tuskegee, Belmont, and Righteous Guinea Pigs: Considering Scientific Ethics through Official and Subaltern Perspectives, *Science and Education*, v. 17, Out. 2008, pp. 961–975.

WESTBORO BAPTIST CHURCH. *Westboro Baptist Church Home Page*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.godhatesfags.com/index.html>. Acesso em: 17 out. 2025.

WHITE, Mark. *The Virtues of Captain America: Modern-Day Lessons on Character from a World War II Superhero*, West-Sussex: Wiley Blackwell, 2014.

WOODHEAD, Linda. *Religion in modern times: an interpretive anthology (religion and spirituality in the modern world)*, Oxford: Wiley-Blackwell, 2000.

X-MEN. *Noturno*. Criação de Eric Lewald, Sidney Iwanter e Mark Edens. Direção de Larry Houston. Estados Unidos: Disney Plus, 1995, 22min, son., color. Temporada 4, episódio 8. Série exibida pelo Disney+. Acesso 22 de Abr. 2024.

X-MEN. *O Exame de Sangue*. Criação de Eric Lewald, Sidney Iwanter e Mark Edens. Direção de Larry Houston. Estados Unidos: Disney Plus, 1996, 21min, son., color. Temporada 4, episódio 14. Série exibida pelo Disney+. Acesso 22 de Abr. 2024.

X-MEN 97. *Morte em vida – Parte 2*. Criação de Beau De Mayo. Direção de Chase Conley. Estados Unidos: Disney Plus, 2024a, 33min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pelo Disney+. Acesso 21 out. 2025.

X-MEN 97. *O início da libertação mutante*. Criação de Beau De Mayo. Direção de Chase Conley. Estados Unidos: Disney Plus, 2024b, 33min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pelo Disney+. Acesso 21 out. 2025.

X-MEN 97. *Olhos brilhantes*. Criação de Beau De Mayo. Direção de Emi Yonemura. Estados Unidos: Disney Plus, 2024c, 34min, son., color. Temporada 1, episódio 7. Série exibida pelo Disney+. Acesso 21 out. 2025.

X-MEN 97. *Tolerância é extinção – Parte 1*. Criação de Beau De Mayo. Direção de Chase Conley. Estados Unidos: Disney Plus, 2024d, 34min, son., color. Temporada 1, episódio 8. Série exibida pelo Disney+. Acesso 21 out. 2025.

X-MEN: APOCALIPSE. Direção: Bryan Singer. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2016. 1 filme (144 min), son., color. Filme exibido no Disney+.



Referências iconográficas

CLAREMONT, Chris; ANDERSON, Brent. *X-Men: Deus ama, o homem mata*. Barueri: Panini Comics, 2003.

WESTBORO BAPTIST CHURCH. *Westboro Baptist Church Home Page*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.godhatesfags.com/index.html>. Acesso em: 17 out. 2025.

X-MEN. *Noturno*. Criação de Eric Lewald, Sidney Iwanter e Mark Edens. Direção de Larry Houston. Estados Unidos: Disney Plus, 1995, 22min, son., color. Temporada 4, episódio 8. Série exibida pelo Disney+. Acesso 22 de Abr. 2024.

X-MEN 97. *O início da libertação mutante*. Criação de Beau De Mayo. Direção de Chase Conley. Estados Unidos: Disney Plus, 2024b, 33min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pelo Disney+. Acesso 21 out. 2025.

X-MEN 97. *Tolerância é extinção – Parte 1*. Criação de Beau De Mayo. Direção de Chase Conley. Estados Unidos: Disney Plus, 2024d, 34min, son., color. Temporada 1, episódio 8. Série exibida pelo Disney+. Acesso 21 out. 2025.